

## RESENHA\*

---

PANTEL, Pauline Schmitt. *Uma história pessoal: os mitos gregos*. Tradução, introdução à edição portuguesa e notas de Nuno Simões Rodrigues. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. 323 p.

Felipe Marques Maciel\*\*

A historiadora e helenista francesa Pauline Schmitt Pantel, professora emérita de História Grega da Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, é uma especialista em estudos de gênero, religião, costumes e política na Grécia Clássica, tendo defendido a sua tese sobre os banquetes e as refeições públicas nas cidades gregas. Com uma produção tão variada, com domínio sobre vários temas, não é surpresa que a mitologia grega seja uma de suas muitas especialidades, dada a recorrência desse assunto em sua obra. Em *Uma história pessoal: os mitos gregos*, Pantel se propõe a mostrar como os mitos gregos não são apenas histórias maravilhosas sobre deuses, humanos e monstros que povoavam o imaginário dos gregos antigos, mas narrativas poderosas, portadoras de sentido que exerciam (e continuar a exercer) efeitos sobre a realidade. Como a própria autora afirma (p. 28), “a relação entre mito e história, entre mito e sociedade não é especulativa: o mito é uma realidade que participa da sociedade, da cultura, da religião, da política. A sua narrativa não é uma mera representação efêmera e inconsequente, pois é performativa, e o seu impacto sobre as relações sociais é real”.

Pantel não está somente interessada em fazer um catálogo dos mitos gregos mais importantes, e é exatamente neste ponto que seu livro se diferencia de *O universo, os deuses e os homens*, de Jean-Pierre Vernant (2000), cujo objetivo é narrar histórias desde a origem do universo até a idade dos heróis. Por mais que a autora conte muitas histórias, seu estudo quer também mostrar como

---

\* Recebido em: 06/09/2020 e aceito em: 25/10/2020.

\*\* Doutorando em Letras Clássicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Laboratório de História Antiga (Lhia) da UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8090-1770>.

essas narrativas estão conectadas à realidade, à história, à política, à cultura e aos costumes. Por isso mesmo seu livro é dividido em capítulos temáticos, começando pela criação do mundo e o nascimento dos deuses e terminando na presença dos mitos na sociedade, enquanto o livro de Vernant começa pelas origens e depois passeia pelo mundo humano, dando destaque aos personagens mais relevantes da mitologia, tais como Odisseu, Perseu, Édipo e Dioniso.

No primeiro capítulo (“A criação do mundo e o nascimento dos deuses”), Pantel narra a cosmogonia e a teogonia gregas a partir de Hesíodo, chamando a atenção para o fato importante de que, no passado grego, havia versões diferentes para o que a autora chama de “emergência do mundo”. Esse capítulo é constituído por resumos e comentários das partes principais da *Teogonia* de Hesíodo, como a geração dos filhos da noite, a descendência dos titãs, a titanomaquia e a chegada de Zeus ao poder. O segundo capítulo (“Os começos da humanidade”) elenca as diferentes versões sobre a origem da raça humana, dando destaque para Diodoro da Sicília, Dionísio de Halicarnasso e Pseudo-Apolodoro. São também narrados e comentados os mitos mais importantes sobre o assunto, tais como o de Prometeu (que aparece tanto na *Teogonia* quanto em *Trabalhos e Dias*), o mito das cinco raças ou cinco idades (*Trabalhos e Dias*) e os mitos autóctones que variavam de cidade para cidade, de região para região (Argos, Arcádia, Atenas, Tessália e Tebas). Em relação a esta última parte, Pantel não especifica a localização desses mitos nos documentos antigos ou nos autores mencionados, um hábito que se repete ao longo do livro e que dificulta a vida do leitor-pesquisador que quiser conferir o texto grego.

O terceiro capítulo (“Histórias de divindades”) é dedicado ao politeísmo grego e seu conjunto de divindades. Pantel apresenta as fontes mais importantes para o estudo da religião grega (Homero, os hinos homéricos, Píndaro e Ovídio) e depois resume as principais histórias desses personagens (Apolo, Deméter, Hermes, Dioniso, Zeus), encerrando com a narrativa do julgamento de Páris. É no quarto capítulo (“Mitos no feminino”) que Pantel começa a relacionar os mitos com a sociedade de maneira estruturante. Sobre a relação dos mitos com o sexo feminino, a autora chama atenção para o fato de que “estas narrativas, que ainda fazem parte do nosso imaginário, são uma via para estudar a construção social, cultural e política das relações entre o masculino e o feminino própria do mundo grego antigo” (p. 111). Pantel narra as histórias de muitas personagens da mitologia grega e procura mostrar como a visão de gênero na Grécia Antiga, presente nos mitos, era produto e produtora de uma determinada ideologia política (p. 123).

O quinto capítulo (“Mitos e história”) discute como um povo ou uma cidade utiliza os mitos para determinados fins. Como a própria autora ressalta (p. 151), o problema central não é o “grau de historicidade dos mitos”, mas sim compreender a razão e os meios pelos quais eles são mobilizados. As histórias de heróis como Hércules e Teseu são analisadas com o objetivo de entender como as cidades criam seus mitos “em função das necessidades ideológicas do presente” (p. 173). Como afirma Pantel, “as narrativas míticas não são (...) um universo fechado, cristalizado de uma vez por todas, mas um organismo vivo, laboratório em que o pensamento religioso e a estratégia política se misturam de forma íntima” (p. 173).

No sexto capítulo (“Os mitos na cidade”), ela investiga os contextos de enunciação dos mitos, como as festas, os banquetes, o teatro, as praças, os santuários, além dos lugares em que os discursos políticos eram proferidos, como o cemitério do Cerâmico, as assembleias e os tribunais. Este é o único capítulo em que a autora analisa algumas fontes não textuais, como os frontões do Pártenon. Por último, no sétimo capítulo (“Mitos e sociedade”), a historiadora explora a influência dos mitos em temas como a alimentação, a comensalidade, a integração dos jovens na comunidade e as representações da morte. Como bem diz Pantel, “para decifrar os mitos, compreender-lhes os pormenores e as sutilezas, há que fazer continuamente referência às instituições, costumes, práticas, interditos, maneiras de fazer da sociedade que os criou e os difundiu” (p. 217). A própria autora afirma que o propósito desse capítulo é responder a mesma questão que Jean-Pierre Vernant fazia na introdução de seu livro *Mito e sociedade na Grécia Antiga* (2010, p. 6): “Em que limites e sob que formas está o mito presente numa sociedade e uma sociedade presente nos seus mitos?”.

De modo geral, o livro de Pantel funciona muito bem como uma introdução à mitologia grega e pode ser usado como fonte segura nos cursos de graduação, muito embora a sua ótima redação (e tradução, diga-se de passagem) não limite a obra ao público acadêmico. O maior mérito do livro é mostrar como os mitos gregos são um reflexo da sociedade e da época que os criou e um objeto de análise indispensável para o entendimento da Grécia Antiga. Como diria Jean-Pierre Vernant, o mito enquanto categoria de análise não é uma “penca de fábulas extravagantes”, mas um repositório de crenças, concepções e valores que fundamentaram (e continuam fundamentando) uma maneira de estar no mundo.